

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

13

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

SET 2019

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

13

SETEMBRO

2019

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação
Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Setembro de 2019**

Volume: **13**

Capa: Imagem aérea de Santa Vitória
(Foto: José Pedro Machado)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07	Nelson Cabaço, Marina Lourenço e Rodrigo Banha da Silva O COMPASSO DO ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA	47
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O PROJECTO SANVIT: UM NOVO CICLO DE INVESTIGAÇÃO NO RECINTO DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR). OS RESULTADOS DA CAMPANHA DE 2018	09	Rui Pinheiro CASTELO DE MIRANDA DO DOURO. PRINCIPAIS DADOS DE UMA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NUMA PRAÇA FORTE DO NORDESTE TRANSMONTANO	55
Ana Catarina Basílio e Tiago do Pereiro O SÍTIO CALCOLÍTICO DE CORTE PIORNINHO 3 (SALVADA E QUINTOS, BEJA): NOTAS SOBRE A SUA OCUPAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM PRÉ-HISTÓRICA	19	Filipe Santos Oliveira PRODUÇÃO DE CACHIMBOS DE BARRO NA RUA DAMASCENO MONTEIRO (OLARIAS DE SÃO GENS), LISBOA: UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	67
Sarah Dalton and Ethan Selby LOOM WEIGHTS FROM CHALCOLITHIC AND EARLY BRONZE AGE PERDIGÕES (ALENTEJO, PORTUGAL)	27	Inês Simão, João Miguez e Ever Calvo TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA CAIS DO TOJO, N°48-64, LISBOA. CONTRIBUTO PARA A EVOLUÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA LISBOETA	75
Lúcia Miguel A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)	35	Ana Rosa INFRA-ESTRUTURAS PORTUÁRIAS CONTEMPORÂNEAS NA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA: O CASO DO QUEBRA-MAR IDENTIFICADO EM ALCÂNTARA	85
Lúcia Miguel, Pedro Albuquerque, Lucy S. Evangelista e Marina Lourenço TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA NECRÓPOLE SIDÉRICA DE MÉRTOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DAS SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS	41		



EDITORIAL

O “Oásis”

No início de 2019 o Complexo Arqueológico dos Perdigões foi classificado como Monumento Nacional. Trata-se do primeiro recinto de fossos a merecer esta classificação em Portugal. É o mais recente resultado de duas décadas de um programa continuado de investigação liderado pela Era Arqueologia, o qual pôs em evidência a importância e potencial científico e patrimonial do sítio, hoje reconhecido nacional e internacionalmente.

Para este desfecho contribuíram igualmente o Esporão S.A., proprietário de mais de dois terços do sítio, assim como as muitas colaborações com instituições de investigação e ensino superior portuguesas e estrangeiras e o Estado português, através de financiamentos a projectos de investigação desenvolvidos nos Perdigões.

Tendo sido reconhecido numa intervenção de minimização de impactos em 1997, o recinto dos Perdigões é hoje uma reserva arqueológica, um “laboratório” para a investigação das sociedades do 4º e 3º milénios a.C. e um caso de referência na expressão do fenómeno dos recintos de fossos na Península Ibérica.

Um exemplo que urge seguir, num tempo em que a reconversão agrícola do Alentejo está a afectar drasticamente e a um ritmo muito acelerado este e outros tipos de património arqueológico.

António Carlos Valera

A TRANSIÇÃO BRONZE FINAL – IDADE DO FERRO NA MARGEM DIREITA DO GUADIANA. O CASO DA BASE DE CABANA DA RIBEIRA DE S. PEDRO (BALEIZÃO)

Lúcia Miguel¹

Resumo:

O sítio da Ribeira de S. Pedro foi intervencionado no âmbito da Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de São Matias e respectivos Blocos de Rega: Fase de Obra (2ª fase), cujos trabalhos foram adjudicados à Era-Arqueologia S.A. pela EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A. O sítio foi identificado no âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico, que conduziram à realização de uma sondagem para a escavação de uma estrutura negativa com materiais atribuíveis ao Bronze Final/Idade do Ferro.

A intervenção permitiu aferir que se tratava de um contexto correspondente a uma base de cabana, cujos materiais parecem apontar para um momento situado entre os finais do séc. VIII e os inícios do Séc. VII a. C.

Abstract:

The transition Final Bronze Age – Iron Age in the right bank of Guadiana river. The case of the hut of Ribeira de S. Pedro (Baleizão).

The archaeological site of Ribeira de S. Pedro was excavated during the mitigation impacts project concerning the S. Matias hydraulic circuit and the respective Irrigation System, during the construction phase (phase 2). This intervention was awarded to Era-Arqueologia by EDIA - Alqueva Dam Development and Infrastructures Enterprise, S.A.. This site was identified during the archaeological monitoring which led to the excavation of a pit with archaeological materials from the transition period between late Bronze and Iron Age.

This intervention allowed the identification of a circular hut in which were collected archaeological findings dating from the late VIII - beginning of the VII century b. C.

1. Enquadramento geográfico

O sítio da Ribeira de S. Pedro está localizado na margem esquerda da Ribeira com o mesmo nome, freguesia de Baleizão, Concelho e Distrito de Beja.

Esta zona está integrada numa região onde a geografia é marcada pelos relevos suaves, pontualmente rasgados por algumas ribeiras, com solos brandos e férteis, distando cerca de 8, 50 km da margem direita do rio Guadiana (Figura 1).



Figura 1 – Localização do sítio na Península Ibérica.

¹ Era Arqueologia, S.A.
luciamiguel@era-arqueologia.pt

2. Contextos Identificados

Os trabalhos realizados neste local consistiram na realização de uma sondagem de 7 m² para a escavação de uma estrutura negativa com materiais atribuíveis ao Bronze Final/Idade do Ferro que foi interpretada, através da análise da sua morfologia, como um fundo de cabana. Este contexto encontrava-se já danificado em cerca de 40% da sua totalidade pelos trabalhos mecânicos prévios a esta intervenção (Figura 2).

Esta estrutura negativa apresentava-se escavada directamente no substrato rochoso, apresentando planta sub-circular, paredes “em degrau” e base tendencialmente côncava, com cerca de 0,50 cm de profundidade. Apresentava uma depressão localizada sensivelmente ao centro de cerca de 20 cm. Em relação ao seu diâmetro, a sua reconstituição possível permite apontar para uma medida aproximada de 3,20 m.

Na sua base, esta apresentava um alinhamento de blocos pétreos de grande dimensão, localizado essencialmente dentro da pequena depressão, cuja funcionalidade não foi possível aferir. É plausível que se trate ou de uma estrutura de apoio à actividade doméstica, ou então de um indício de uma compartimentação interna (Figura 3).

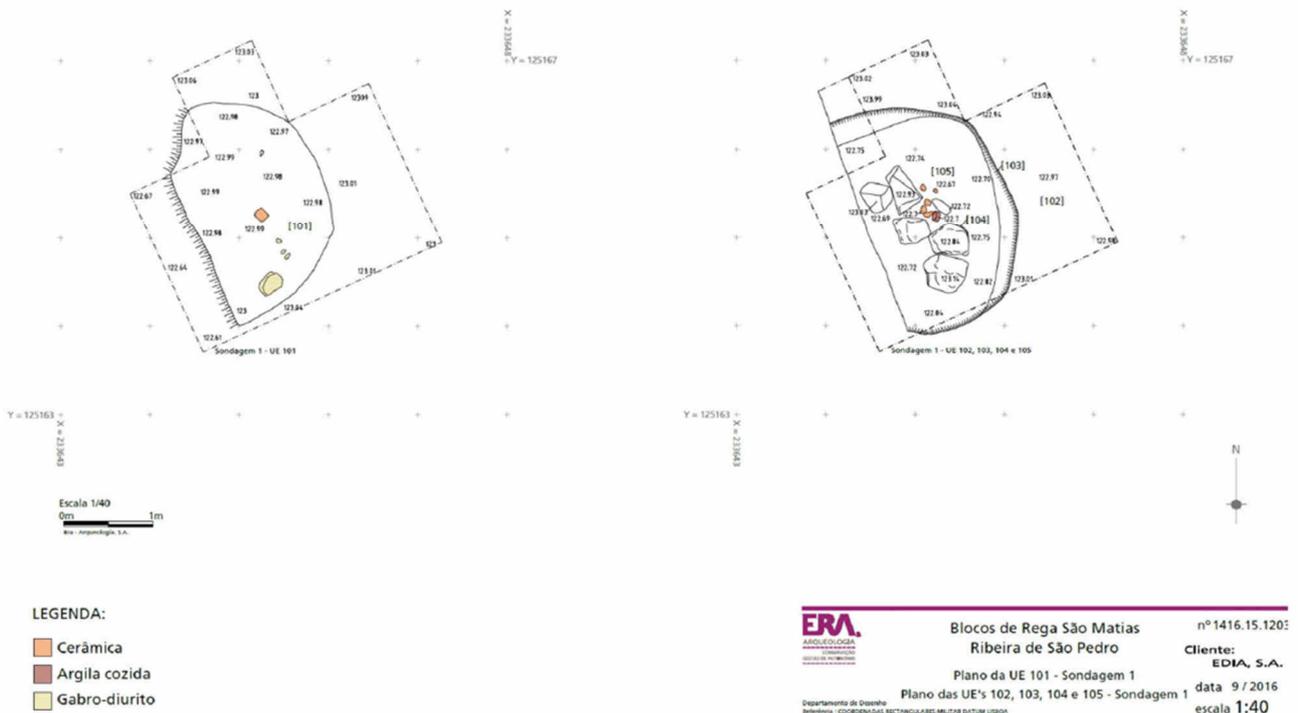
Este alinhamento estava associado a um depósito, com pouca potência estratigráfica, que revelou a presença de inclusões frequentes de nódulos de cerâmica de revestimento, assim como de carvão.

A planta desta cabana revela, em conjunto com os materiais arqueológicos, uma cronologia situada já no Ferro Antigo ou então num período de transição entre os Bronze Final e este último. No castro dos Ratinhos, por exemplo, as cabanas circulares estão associadas às fases mais recentes, datadas do Ferro Antigo, em oposição às cabanas do Bronze Final que apresentam uma planta elipsoidal. (Berrocal -Rangel e Silva, 2010).

As cabanas de tendência circular aparecem assim como uma das novidades mais significativas deste momento (Suárez Padilla e Márquez Romero, 2011).



Figura 2 – Vista geral da estrutura.



3. Cultura Material

O material arqueológico associado a este nível de ocupação corresponde maioritariamente a grandes recipientes de armazenagem de fundo plano, fabrico manual, apresentando algumas das peças um alisamento das superfícies, como é o caso do fragmento de um recipiente globular de grandes dimensões de fabrico grosseiro, com a superfície muito rugosa, assim como um fragmento de um pote de colo vertical, ostentando um alisamento das superfícies (Figura 4).

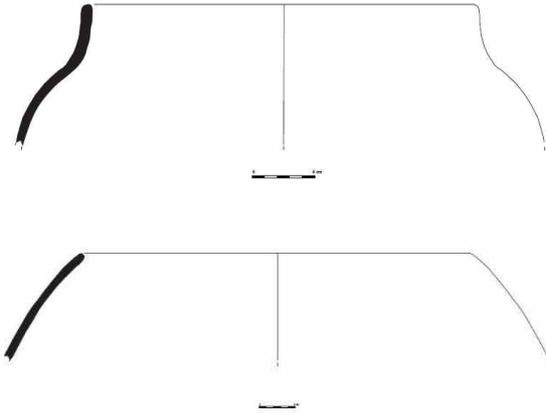


Figura 4 – Recipientes de armazenagem.

Fora do âmbito da cerâmica destinada ao armazenamento, foram ainda identificados recipientes de perfil em S, assim como pequenos vasos de colo vertical. Destacam-se também as taças carenadas, com pastas bem depuradas a alisamento nas paredes (Figura 5 e 6).

Foram também recolhidos alguns fundos em “omphalo”. Esta forma aparece, por exemplo, no povoado do Outeiro do Circo na sua fase de abandono (Silva 2013), estando ausente nas fases anteriores. No Castro dos Ratinhos, os fundos em “omphalo” são registados nas fases 1a e 1b, correspondentes ao ferro Antigo (Séc. IX-VIII a.C.), mas também fase 2, datada do Bronze Final (Séc. XIII-IX a.C.), (Berrocal -Rangel e Silva, 2010) (Figura 7).

Resta acrescentar a identificação de duas asas, uma em “rolo” e outra em “fita” (Figura 8).

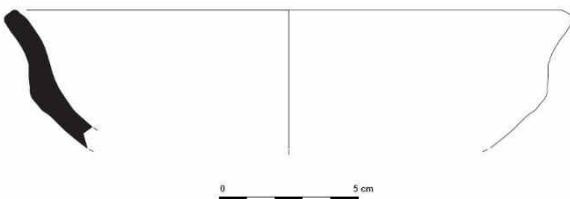


Figura 5 – Taça carenada.

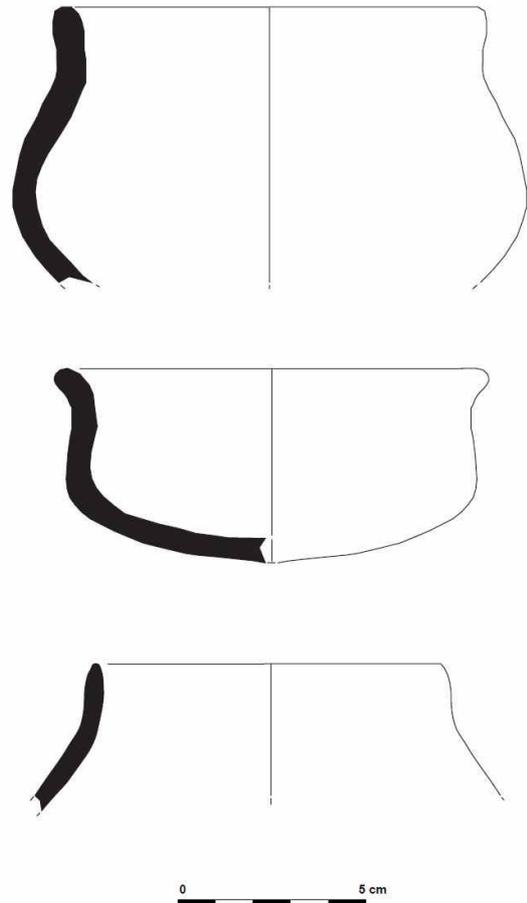


Figura 6 – Cerâmica classificável.

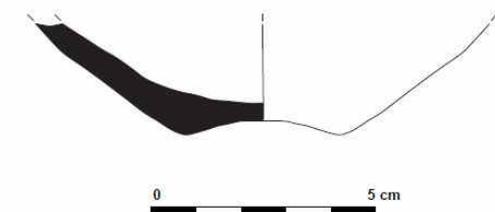


Figura 7 – Recipiente de fundo em *omphalos*.



Figura 8 – Fragmentos de asa.

4. Considerações Finais

A transição do Bronze Final para a Idade do Ferro na região do Baixo Alentejo tem merecido especial atenção por parte dos investigadores, sobretudo devido à existência de trabalhos de investigação recentes centrados em locais estratégicos para o controlo visual do território (p.ex. Castro dos Ratinhos e Outeiro do Circo), mas também pelos novos dados resultantes das escavações realizadas no âmbito da Minimização de Impacte sobre o património, decorrentes da execução dos blocos de rega do Alqueva.

Assim, afigura-se possível esboçar um panorama geral, com base nestes novos dados, sobre a dinâmica de ocupação deste território e a interação social das populações no final da Idade do Bronze, e tentar compreender em que moldes se processaram as transformações ocorridas na fase inicial dos contactos com o mundo oriental.

Uma das características mais assinaladas do povoamento do final da Idade do Bronze é o surgimento de povoados de altura que ocupam espaços de destaque na paisagem, bem defendidos e com boa visibilidade sobre o território envolvente, controlando o espaço em seu redor. Tal não significa que este seja um tipo de organização do território exclusivo desta fase, dado que são conhecidos, fora dos arredores de Beja e com uma menor expressividade, alguns povoados de altura com uma cronologia centrada no Bronze Médio, como é o caso do Cerro da Forca em Barrancos, Castelo do Giraldo em Évora ou mesmo Evoramonte (Mataloto, apud Vilaça, 2014).

Nas imediações de Beja, o único povoado conhecido até ao momento que teria capacidade para exercer estas funções corresponde ao Outeiro do Circo. Ocupando uma área extensa de 17 hectares, rodeado por uma muralha com uma extensão de 2 Km e 2 bastões semi-circulares que defendem a entrada principal do povoado, este seria um espaço de aglutinação da população, associada a uma certa retracção da ocupação da planície envolvente (Serra, 2014a).

Não obstante, os recentes trabalhos têm vindo a mostrar que o povoamento não se resumia aos grandes povoados de altura, com o aparecimento cada vez mais expressivo de

sítios em planície, associados a terrenos férteis e perto de linhas de água, sem qualquer tipo de elemento defensivo.

A sua característica principal, comum à grande maioria dos sítios intervencionados, é a total ausência de estruturas positivas em detrimento das estruturas “em negativo”, onde raramente são identificados contextos de carácter doméstico.

Um bom exemplo deste tipo de ocupação é o sítio do Bela Vista 3, localizado a cerca de 2,5 Km a Este do povoado do Outeiro do Circo (Miguel, 2013), assim como a Arroiteia 6, Pedreira de Trigaches, Monte do Bolor 3, Pisões 5 e Poço da Aldeia da Ribeira 6. (Serra, 2014). Este tipo de situação aponta para uma ocupação dependente dos povoados de altura, de carácter sazonal, destinada à exploração e transformação de recursos.

O abandono destes povoados parece ser uma consequência do impacto provocado pelos contactos com o mundo mediterrânico, sem que, no entanto, seja abandonada a ocupação discreta de planície (Serra, 2014)

No Castro dos Ratinhos, em plena fase de ocupação do Bronze Final, assiste-se à construção de um edifício sacralizado de clara feição orientalizante, datada da 2ª metade do séc. IX, mais concretamente por volta do ano de 830 a. C, segundo as datações de radiocarbono. Estes dados parecem apontar para uma mudança na organização e na concepção do espaço simbólico de poder. (Berrocal - Rangel, Silva, 2010).

Esta data é apontada como o final da Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro, onde se assiste a profundas alterações na técnica construtivas, entre elas a evolução da morfologia das cabanas, que passam agora a adoptar uma planta circular, recorrendo às mesmas técnicas construtivas no levantamento das paredes através da utilização de pedra-miúda semi-aparelhada.

Em relação à cultura material, apesar de todas estas alterações, a cerâmica fenícia ou mediterrânica tem muito pouca expressão, limitando-se a uma dezena de fragmentos, mantendo-se as tradições formais e tecnológicas inerentes a um povoado do Bronze Final. Esta ocupação terá sido efémera uma vez que o abandono do povoado se dá por volta do ano de 730 a. C. (*idem*).

Por outro lado, no Outeiro do Circo não existem indícios de ter existido uma ocupação como a que foi identificada nos Ratinhos, nem mesmo uma fase de transição entre o momento final da Idade do Bronze e a Idade do Ferro. O momento de abandono deste povoado terá ocorrido nos inícios do séc. VII, quando se assiste ao final da Idade do Bronze, tal como indicia o material arqueológico presente na fase de abandono do povoado que corresponde à desactivação das muralhas (fase V). (Silva, 2013).

O que sucede com as populações que desocuparam estes locais ainda não é bem claro. Até ao momento ainda não foi identificado nenhum outro povoado que possa ter

desempenhado o mesmo tipo de funções aglutinadoras do Outeiro do Circo (Serra, 2014a).

Os poucos dados que se conhecem apontam para o continuamento do povoamento discreto de planície, materializados em contextos identificados não só no sítio da Ribeira de S. Pedro, mas também em sítios como o Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3 (Antunes et al., no prelo, apud Serra, 2014a). Esta ausência de monumentalidade do povoamento é acompanhada pelo aparecimento, cada vez em maior número, de grandes recintos funerários datados essencialmente da centúria seguinte, nas quais o espólio indicia a adopção de hábitos e comportamentos de inspiração oriental.

No que diz respeito ao contexto identificado na Ribeira de S. Pedro, o modelo de ocupação territorial que explica a existência de uma cabana datada deste momento, aparentemente isolada nas margens de uma ribeira, é, neste momento, difícil de esclarecer. É possível que esta ocupação esteja relacionada com o processo de desestruturação do povoamento ocorrido no final da Idade do Bronze, consequência do impacto provocado pelos contactos com o mundo mediterrânico.

No entanto, a identificação de cada vez mais sítios datados do Bronze Final em zonas de planície, sem qualquer preocupação defensiva, mostra também que a continuidade do povoamento de planície nesta época de reestruturação é uma realidade cada vez mais a ter em avaliação no momento de definir em que moldes se processou a transição para a Idade do Ferro.

Fica, no entanto, em aberto em que termos é que esta ocupação se organiza em termos sociais e políticos. A ausência, até à data, de um povoado centralizador de poder na região de Beja que date deste período, ou qualquer outro tipo de contexto similar, pouca manobra nos dá para compreender qual o significado deste tipo de ocupação no âmbito da organização do território na Idade do Ferro.

Desta forma, parece precoce, dada a ausência de elementos que sirvam de contraposição, definir taxativamente este tipo de ocupação como rural, tal como foi avançado para as ocupações identificadas no Alto Alentejo (Mataloto, 2010-2011). Note-se que o conceito de rural só deverá ser aplicado quando existem dados que permitam compreender a malha de povoamento em oposição ao povoamento urbano. E até ao momento, não se constatou a existência de um urbanismo que permita entender desse modo este tipo de ocupações.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, A.; DEUS, M.; SOARES, A.M.; SANTOS, F.; ARÊS, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L. (2012), Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana, in: J. Jiménez Ávila (ed): *Siderum Anna II, El río Guadiana en el Bronce Final*. Anejos e AEspa LXII, Mérida, p.277-308.
BERROCAL- RANGEL, L., SILVA, A.C. (2010), *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado*

proto-histórico no Guadiana, 2004-2007, Suplemento “O Arqueólogo Português, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
DEUS, M., ANTUNES, A. E SOARES, A.M. (2010) – Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste, *Actas do IV Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Huelva, p.514-543.
DEUS, M., ANTUNES, A. E SOARES, A.M. (2012) – Santa Margarida (Serpa) no contexto do Bronze Final do Sudoeste, *Actas do V Encontro De Arqueologia Sudoeste Peninsular*, Almodôval, p.171-188
OLIVEIRA, J.T. (1992), Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, Folha 8, Escala 1/200 000, Serviços Geológicos de Portugal
MATALOTO, R. (2010-2011) – Os senhores da terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto-alentejano nos séc. VI-V a. C., *Arqueologia e História*, Lisboa, 62-63, p.77-100.
MIGUEL, L. (2013), Subconcessão da Auto-estrada do Baixo Alentejo – Lanço C, *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos – Bela Vista 3 – Beringel, Era –Arqueologia S.A/Omniknos Arqueologia*
SANTOS, F., Arez, L., SOARES, A.M., DEUS, M., QUEIRÓZ, P., VALÉRIO, P., RODRIGUES, Z., ANTUNES, A.S., ARAÚJO, M. de F. (2008), O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): Um sítio de “fossas” silo no Bronze/Final na Encosta do Alabardão, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, nº2, p. 55-86
SERRA, PORFÍRIO, E. E ORTIZ, R. (2008), o Bronze Final no Sul de Portugal – um ponto de partida para o Estudo do Povoado do Outeiro do Circo, *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, *Vipasca, Arqueologia e História*, Aljustrel, nº 2, 2ª série, p.163 – 170.
SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (2012), *O Bronze Final nos “Barros de Beja”. Novas perspectivas de investigação. Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 18 a 20 de Novembro de 2010, Câmara Municipal de Almodôvar, p.133 – 148.
SERRA, M (2014a), Os Senhores da Planície. A Ocupação da Idade do Bronze nos “Barros de Beja” (Baixo Alentejo, Portugal, in: *Antrope*, Série Monográfica 1, Instituto Politécnico de Tomar, p.270 – 296.
SERRA, M. (2014 b), Muralhas, Território, Poder. O papel do povoado do Outeiro do Circo (Beja) durante o Bronze Final. In VILAÇA, R.; Serra, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste - Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: IAFLUC, CEAAAC, Palimpsesto [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/], p.75-99.
SILVA, F.S.O. (2013), *O povoado do Outeiro do Circo (Beja) no seu enquadramento regional – Contributos dos materiais cerâmicos*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área científica de Arqueologia e especialização em Arqueologia Proto-Histórica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Dr. Raquel Vilaça,, Universidade de Coimbra.
SILVA, S. (2014), As cerâmicas do Outeiro do Circo (Beja): resultados do estudo tecnológico, formal e decorativo. In VILAÇA, R. e SERRA, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste - Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: IAFLUC, CEAAAC, Palimpsesto [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/], p.167-185.
SUÉREZ PADILLA, J., MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2014), La problemática de los fondos de cabana en el marco de la arquitectura proto-histórica del sur de la Península Ibérica, in: *Menga*, 05, Revista de Prehistoria de Andalucía, p.199 – 225
VILAÇA, R. (2014), Ensaio sobre a região de Beja em torno do ano mil a.C. Entre a tradição e a inovação: In VILAÇA, R. e SERRA, M. (coord), *Idade do Bronze do Sudoeste - Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: IAFLUC, CEAAAC, Palimpsesto, p.101-125.

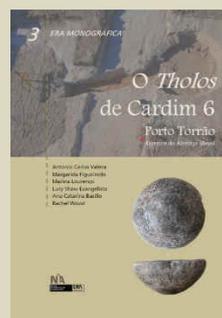
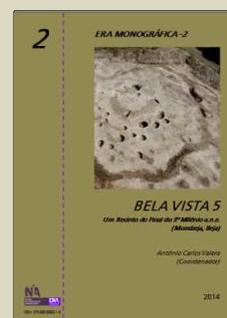
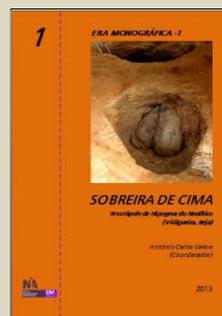
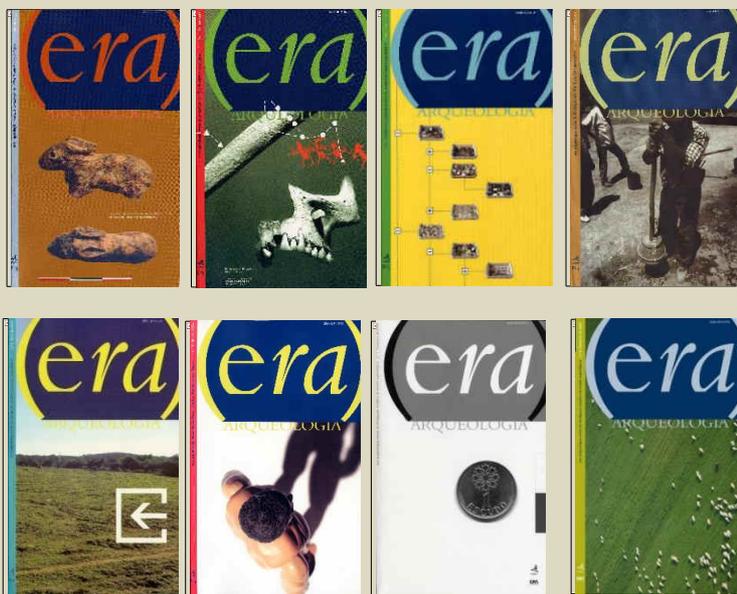
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Monográfica

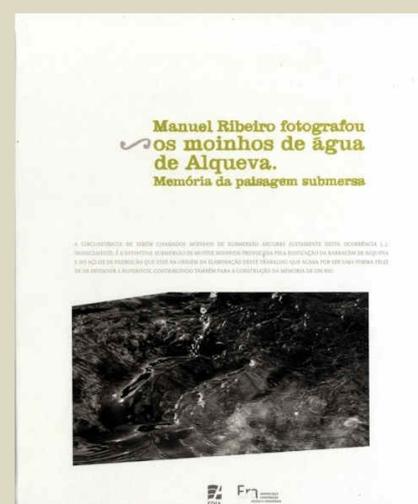
Três volumes publicados

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Livro de fotografias de Manuel Ribeiro
sobre os moinhos de água
de Alqueva



“Holocénico [o blog]” de António Valera

Textos sobre produção de conhecimento, património, arqueologia e o seu ensino e profissão.

ERA Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9C
1495-705 Cruz Quebrada
- Dafundo

www.era-arqueologia.pt
geral@era-arqueologia.pt
nia@era-arqueologia.pt